

PEQUENOS VIDROS AZUIS

Cobria a mesa com velas acesas
a macerada tarde do mês último —
e escrevia em rectângulo
de papel bem aparado,

depois rasgava. Todos o podiam ver
sentado a essa mesa no cimo do parque,
a casa,
o vidro azul da janela

canal de água a par do caminho. Foi
quando surgiu o levadeiro
— as velas de um sopro apagou —
caía a água na extensão da rocha

no perfume magoado de dezembro
entre o rumor do vento
a sombra não se movia nem se prendia ao
traço do corpo, não imitava os gestos

em doce modo apagou todas as velas
ao que escrevia sem qualquer sentido
ao muro branco do nevoeiro
a última folha da faia rubra prendia a

vazia escrita do desejo, seguia-o
com o passo de um ladrão e o tremor
de quem falta a secreto juramento.

O RISCO

Fizeram uma cruz na rocha. Um círculo
cravado num banco
era o desenho da terra
despojada e logo revestida de luz.

A árvore sêca ergue ramo novo.
É agora a verdadeira árvore
o ramo, a árvore consentida pela morte da árvore
— vê
como vive no brilho simulado da lua
contorno impreciso, vê
o temor e o prazer de estar viva
ainda

fantasma da árvore
na folha verde, intenso ramo
da escondida árvore nocturna,
cerrado espírito vegetal
bordado a prata na folha verde

espera — vê: aguarda a chuva, a flor, a
seda negra do fruto.

PAUL DO MAR

As casas já nasceram ruína
a música no palanque
tudo muito estranho nessa noite

os telhados cobriam-se de fumo
a figueira do inferno enterrava os
espinhos no cansado viajante

por que razão os meus olhos
enganavam — alguém chegou.
O navio que nos leva parece imóvel, ardente,
suspensão no mar

as ondas encontram-lhe navegação
compõem a imagem de uma única ilha.

CONVENTO DE SANTA CLARA

As Santas Mulheres e João
fundem os passos em musgo de neve, o
telão negro da morte. E a freira levou-nos do
Capítulo para o claustro.

O amor não é amado — dizia — os querubins
só têm cabeça e asas. Cristo
sob a figura de um serafim
asas saem-lhe das ancas, e sorri e pensa no
encontro. Um piano vertical oculta, num murmúrio, o
som; sobre as teclas, numa pintura oval, três
bacantes — Fé, Esperança, Caridade —,
Agave, Ino, Antónoe
debaixo de verdes abetos preparam o excesso, a
procissão.

Um ganso, em voo solitário, acompanha o oculto
azul, o frio pensamento. Pobre fortuna, a nossa.
Na parede sombria
um corvo,
que pousara em desordenada montanha, bicava o
gélido sangue de
desenhada cabeça

PRISIONEIRO NU, COM UMA PERNA ESTENDIDA

para José Manuel Sainz-Trueva

Numa das celas do Forte de São Tiago, sentado
sobre o que
resta de um trapo de mal cardada lã

sobre a laje
estende uma perna. Uma das mãos sobre o joelho.
Um braço
ampara, serve de escora ao peso magro do tronco.

Sem paisagem de lágrima
aguarda o nascer do dia
pálida luz vai entrar pela janela, estreito rasgão de ar.

Um dia
ainda o podem ver
rosa de pedra saída de uma gaveta de contador
para uma taça com água

regressa à vida, ao esplendor da idade
depois de encerrado na hibernada morte. E
quando subires ao terraço da fortaleza

ao olhares para as Desertas, quando encontrares a ilha
plana, chamada Ilhéu Chão,
verás a fereza do Espigão, pena de ave —
é o prisioneiro nu, com a perna direita estendida

flutua
em crescente lunar.
Para os seus olhos, que foram aguado castanho, o
azul-metálico do mar tem o audaz limite apátrida.